

A Queda para o Alto (1986): disputas discursivas na recepção e divulgação de Anderson Herzer.

Palavras-Chave: A Queda para o Alto, recepção, cisnormatividade

Autores(as):
Ben Schiavo Belleza, IEL - Unicamp
Prof^a. Dr^a. Daniela Birman, IEL - Unicamp

INTRODUÇÃO:

Esta pesquisa propõe-se a realizar um estudo de caso sobre a obra *A Queda para o Alto* (1986), de Anderson Herzer, publicada pela editora Vozes. Dividido em um depoimento e uma coletânea de poemas, o livro foi publicado por Anderson Herzer em 1982. Tanto o depoimento quanto os poemas do livro são atravessados pela experiência do autor como ex-interno da FEBEM (aproximadamente entre 1976 e 1980) e como um corpo dissidente das normas de gênero e sexualidade. O depoimento narra sua vida desde a infância até a saída da instituição, que se dá ao conhecer Eduardo Suplicy e Lia Junqueira, responsáveis tanto por auxiliarem Anderson na saída da FEBEM e na publicação do livro quanto pela escrita dos paratextos da obra.

Herzer é, atualmente, mobilizado como símbolo de resistência pela comunidade trans e seu livro é considerado uma das primeiras produções brasileiras de autoria transgênero em artigos acadêmicos, posts em redes sociais, e matérias de revistas digitais. Além disso, o Observatório de Violências do Instituto Brasileiro de Transmasculinidades leva o seu nome. Apesar desse reconhecimento, os paratextos da décima quinta edição da obra (1986), bem como uma parte dos artigos acadêmicos sobre ela (Gomes, 1988) e das plataformas de venda adotam um tratamento feminino para o autor.

Buscando compreender as disputas discursivas sobre a identidade de Anderson Herzer, o objetivo da pesquisa é contrapor a performatividade de gênero inscrita no depoimento autobiográfico do autor às marcas de gênero presentes em paratextos editoriais, artigos acadêmicos e plataformas de comercialização de livros. Para isso, fundamentamo-nos no conceito de *dispositivo da sexualidade* (Foucault, 1999), entendendo-o como um sistema de práticas de poder que produz sexualidades e identidades desviantes por meio de discursos - médicos, jurídicos, institucionais - e relações que consolidam determinadas práticas como norma, sustentando relações hierárquicas. Para essa leitura, consideramos que as diferentes vozes que compõem e abordam o livro assumem posições discursivas diversas em relação a esse dispositivo, reproduzindo ou resistindo às normatividades.

Para analisar o texto autobiográfico, marcado pelo horizonte de expectativas do real (Arfuch, 2010), compreendemos, conforme Butler (2018), que o gênero se constitui a partir da performatividade, isto é, da repetição de práticas que nos posicionam em relação às normas, aderindo-as ou tensionando-

as, e que em múltiplos contextos nos situamos em relação aos discursos normativos e performatizamos determinadas formas de ser. Assim, as marcas narrativas e as formulações de Herzer acerca de sua identidade são analisadas como um espaço de performatividade, visto que o autor elabora uma subjetividade em que se posiciona e assume determinada posição de sujeito em relação aos discursos normativos de gênero. Por fim, refletimos sobre a cisnormatividade na recepção do livro a partir de Vergueiro (2015), Costa (2022), Costa Junior (2022) e Goulart (2021).

METODOLOGIA:

Esta pesquisa se dedica a um estudo de caso sobre as disputas discursivas envolvidas na editoração e na recepção da obra *A Queda para o Alto* (1986), de Anderson Herzer, a partir da análise discursiva da sua décima quinta edição, fundamentada nos referenciais teóricos de Michel Foucault e Judith Butler. O estudo contrasta os sentidos que Herzer constrói sobre si em seu depoimento àqueles atribuídos a ele em paratextos, de autoria de Lia Junqueira e Eduardo Suplicy, artigos científicos e plataformas digitais de venda de livros. Com base nas noções de *subjetivação* (Foucault, 1999; 1989) e *performatividade* (Butler, 2003) pode-se compreender o texto como espaço de construção de subjetividade e performatização de gênero, para assim investigar e evidenciar escolhas linguísticas e narrativas que revelam o posicionamento de Herzer frente às normas regulatórias de gênero e sexualidade da sua época.

Na segunda etapa da pesquisa, os paratextos de Junqueira e Suplicy são analisados a partir do conceito de cisnormatividade (Goulart, 2021; Vergueiro, 2015). Conforme Vergueiro (2015), trata-se de uma estrutura de poder que se manifesta na mobilização do sexo e do gênero como elementos pré-discursivos, na valorização da cisgeneridade como identidade desejável, e na tentativa de adequar experiências dissidentes às normas, patologizando ou invisibilizando identidades trans. Com base nesses conceitos, foi realizada uma análise qualitativa da recepção da obra, por meio de um levantamento do tratamento de gênero atribuído a Herzer em produções acadêmicas disponíveis no Google Acadêmico e no Oasisbr, bem como em plataformas de comercialização como Amazon, Livraria Vozes, Supersônica e Livraria Martins Fontes Paulista

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Ao narrar seus primeiros dias em uma unidade feminina da FEBEM e seu primeiro encontro com um corpo dissidente naquele espaço, Anderson Herzer escreve: “Portanto, para mim, pelo meu modo de agir, foi uma grande descoberta, saber que para se ter uma mulher, para se vestir como um homem, não seria necessário ser um.” (Cap XII, p.56). Nessa formulação, “homem” é uma categoria inerente aos homens cisgêneros, e é simultaneamente a primeira percepção escrita por Herzer de uma diferença entre se relacionar com mulheres, se vestir com roupas masculinas e ser um homem, este último, por sua vez, se referindo ao sexo biológico. Assim, além do sexo, a masculinidade também é composta por outras duas esferas: a expressão de gênero (“se vestir”) e a heterossexualidade (“ter uma mulher”). Desse modo, esse momento descreve e simboliza uma primeira ruptura com a indissociabilidade entre o sexo e a expressão de gênero, apesar de não mobilizar a palavra “gênero” e manter o sexo como categoria inquestionável do “ser homem”. Essa construção corrobora com a perspectiva de Butler (2018) de que não há um processo de subjetivação anterior ao discurso ou

exterior às formas que reconhecemos como sujeitos. Em outras palavras, Herzer só pode se identificar com a forma de subversão de gênero corporificada nos “machões” da unidade a partir do momento que acessa essa identidade como possibilidade de existência; e é a partir dos discursos, inclusive normativos, que pode subverter as normas, pois não há como desvencilhar-se do discurso na construção de sua subjetividade.

Já ao final de seu depoimento Herzer conclui “para mim eu era um rapaz em fase adolescente” (p.114), uma masculinidade humanizada e legitimada, equiparada - na escolha do vocabulário - a de um homem cisgênero de sua faixa etária. E, no último capítulo: “Nada tenho a dizer sobre estas mentes cobertas, sobre esta ignorância tão forte que os transforma de homem para macho, minúsculos machos que pensam trazer seu caráter em forma de duas bolas no meio de suas pernas.” (HERZER, p.138). Dessa forma, ele ressignifica os termos “Homem” e “macho”/“machão”. Para Herzer, “machos” passam a representar homens cisgêneros que recorrem à violência e desrespeitam sua identidade, enquanto Suplicy é constantemente referido como “homem” ou “Homem”, em um sentido de integridade.

Ao final de seu depoimento, ele conclui sua narrativa autobiográfica com a percepção de que os “machos”, ou seja, a masculinidade desumanizada, são os homens cisgêneros que acreditam que sua masculinidade está determinada exclusivamente por seus genitais. Dessa forma, o autor reivindica sua própria identidade no texto e desafia a definição do que significa ser homem, tornando o texto autobiográfico um espaço de performatividade de gênero que se modifica após a narrativa de diferentes ações e experiências relativas a seu gênero e sexualidade, indissociáveis das relações de poder e das performatividades de gênero possíveis no ambiente da FEBEM da década de 1970.

Por outro lado, no prefácio escrito por Eduardo Suplicy foram identificadas vinte menções ao sobrenome Herzer sem a demarcação de prenomes e mobilizando formulações neutras em gênero. Há também a mobilização do nome “Sandra” e de pronomes femininos, sobretudo após a segunda página do prefácio, em que atribuições femininas são mencionadas vinte e oito vezes. Há menções ao prenome Anderson, uma vez sendo mencionado como o nome de Herzer e três vezes ao mencionar uma ambiguidade no prenome do autor, como em: “No dia 9 de agosto, Sandra Mara, como eu sempre a chamara, embora ela preferisse ser Anderson, conversou comigo sobre suas preocupações.” (p.13).

Suplicy inicia seu prefácio com tratamentos neutros em gênero até o momento em que busca explicar a identidade de Herzer para o leitor e em que conta a enorme dificuldade que ele tinha para conseguir espaço em uma pensão ou um emprego regular, devido à falta de aceitação pela sociedade. Ao procurar explicar o gênero de Herzer, Suplicy mobiliza o que ele chama de “testemunho da Dra. Albertina Duarte Takiuti”, que atribui a identidade masculina do autor ao interrompimento do desenvolvimento de caracteres sexuais femininos. Nota-se a tentativa de tornar inteligível a identidade de Herzer através dos discursos médicos, ainda tomando o sexo e a cisgêneridade como um dado da natureza e atribuindo à inadequação biológica a expressão de gênero do autor.

Esse discurso médico relativo às nossas concepções sobre sexualidade é analisado por Foucault em *História da Sexualidade: A vontade de Saber* (1999) e se alinha às próprias percepções de Anderson, que escreve: “Para mim eu era um rapaz em fase adolescente, e para alguns um caso

que deveria ser tratado clinicamente.” (p.114). A manutenção do sexo como elemento pré-discursivo e a patologização da identidade, presentes na explicação médica, se enquadram ao que Vergueiro (2015) explica sobre a *cisnormatividade*. Além disso, a atribuição de sua dissidência ao desaparecimento de um namorado cisgênero - que é o ponto central do paratexto de Lia Junqueira, em que se refere ao autor como “Sandrinha” e “Sandra” e atrela o gênero e a sexualidade de Herzer à falência ou ao trauma relativo a uma relação heterossexual e cisgênera, o que também compõe a estrutura da cisnormatividade, tomando-a como padrão permanente e desejável a todos os corpos.

A análise da recepção da obra em artigos acadêmicos identificou apenas quatro artigos sobre o livro entre 1980 e 2015, os quais abordam ou mencionam a transição de gênero do autor e se referem a ele predominantemente como “Herzer”. Foram também encontradas, porém, leituras normativas do livro, como “E neste mundo sem família e sem amor que Herzer busca sua identidade. Uma noite, vê duas meninas se beijarem e confirma suas inclinações. Levada pela necessidade de sobrevivência a assumir um papel masculino, ela quer matar o seu lado mulher.” (Gomes, 1988). A escassez de artigos desse período (1980-2015) contrasta com seu sucesso de vendas na década de 1980 (cf. Costa, 2022), citado em listas de livros mais vendidos em jornais como *Folha de São Paulo* (1982), *O Globo* (1983), *Diário de Pernambuco* (1982) e *O Potí* (1984). No entanto, segundo o artigo de Araujo e Correia (2012), ele foi “esquecido pela crítica literária” até o início da segunda década do século XXI.

Em oposição ao esquecimento mencionado pelos autores até 2012, observamos uma retomada da figura de Herzer após 2018, com sete trabalhos acadêmicos encontrados no *Portal Brasileiro de Dados Científicos em Acesso Aberto*, dos quais seis desenvolvem uma análise de gênero; e dezoito encontrados no *Google Acadêmico*, incluindo produções em Espanhol, Português e Inglês, cuja maioria explora questões relativas à comunidade trans e apenas um atribui um tratamento feminino a Herzer.

Em sites de venda, encontramos o nome Sandra nas plataformas da Amazon, da Editora Vozes e da Editora Martins Fontes Paulista, em uma edição do livro lançada em 2023. Na plataforma Amazon e no site da Editora Vozes, lemos: “sendo biologicamente menina, assumir a identidade psicológica de menino”, evocando o conceito biomédico do sexo para embasar o tratamento feminino dado a um autor que se declarava como uma identidade masculina. Já no site da Editora Martins Fontes Paulista consta: “Sandra Mara Herzer, ou Anderson Herzer, como ela passou a se autodenominar depois de assumir uma identidade masculina”. Percebe-se, assim, que se constrói o feminino como a identidade, pela escolha do pronome “ela”, mesmo ao afirmar a identificação do autor com um nome masculino. O livro digital da editora Supersônica, de junho de 2025, é a primeira edição em que vemos o nome “Anderson” na capa do livro e na autoria do indicada no site, demonstrando que as disputas discursivas em torno da identidade de Herzer persistem até o presente.

CONCLUSÕES:

A análise mostra que os paratextos reforçam discursos cisnormativos, tratando a cisgeneridade e a heterossexualidade como normas e explicando a dissidência de Herzer a partir dessas estruturas. Em contraste, seu depoimento autobiográfico desnaturaliza essas identidades e ressignifica os termos “homem” e “macho” conforme o autor incorpora novos sentidos às categorias de gênero. A recepção se

modifica ao longo das décadas, e sua obra é analisada pela chave dos estudos de gênero com frequência após 2017. A compreensão de Herzer enquanto transmasculino é possível graças ao espaço biográfico (Arfuch, 2010), que constrói um texto perpassado pelo *valor biográfico*, isto é, produz nos leitores a expectativa de algo verdadeiro. Os efeitos de verdade dos textos autobiográficos permitem que Anderson seja reivindicado como símbolo de resistência por coletivos trans, mesmo diante de discursos cisnormativos - nos paratextos e plataformas de venda - que compreendem suas vivências tomando o sexo como elemento pré-discursivo (Vergueiro, 2015).

BIBLIOGRAFIA

1. ARFUCH, L. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro, Ed. UERJ, 2010.
2. BUTLER, J. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da Identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2018.
3. FOUCAULT, M. **História da Sexualidade: A vontade de saber**. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1999.
4. GOULART, V. **O suicídio-homicídio de pessoas trans e a a cisheteronormatividade: marginalização e extermínio**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021
5. VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. Dissertação (Mestrado Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade) - Universidade Federal da Bahia, 2015.
6. COSTA, C. **Marcas sobre o mundo: nomeações em Anderson Herzer e João W. Nery**. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. doi:10.11606/D.8.2022.tde-27022023-190558. Acesso em: 2025-07-29.
7. SANTOS DE OLIVEIRA, E. A. O conceito de dispositivo de sexualidade na obra foucaultiana a vontade de saber. *Kalágotos*, [S. l.], v. 12, n. 24, p. 89–108, 2021.